

Prefácio à edição brasileira de *O sentido e o Fim da Religião* de Wilfred Cantwell Smith

Por Oneide Bobsin*

A análise das lentes ou da vidraça através das quais construímos um conjunto de *comunidades ideológicas contrapostas*, as quais batizamos de hinduísmo, budismo, judaísmo, cristianismo, islamismo e outras, é o objetivo de *O sentido e o fim da religião*. Nesta perspectiva, Wilfred Cantwell Smith nos instiga a suspeitar dos condicionamentos culturais de nossos olhares, pelos quais construímos o nosso mundo e o das outras pessoas. Por essa razão, o que nomeamos “grandes religiões” ou *religio* é fruto do desenvolvimento intelectual a partir do século XVII. E o esquadrihar teológico desses construtos revela os interesses de quem nomeia o mundo das outras pessoas. Assim, *religio* passou a ser, em sentidos diversos, uma categoria de acusação, tanto para o pesquisador quanto para o missionário.

Sua tese é sustentada por uma pesquisa que considera o desenvolvimento e a produção de um conceito – *religio*, que perpassa a história do cristianismo e tangencia outras religiões. Arriscando-se a analisar um amplo período do que há poucos séculos passou-se a denominar de cristianismo, Cantwell Smith considera uma diversidade de pensadores, dos Pais da Igreja até o século XVII. Dessa maneira, o autor procura convencer-nos de que “as religiões”, tais quais as conhecemos hoje, são frutos do desenvolvimento intelectual do Ocidente nos últimos dois séculos. Até Agostinho, por exemplo, o conceito *religio* não era relevante. E, no período conhecido

* Oneide Bobsin é doutor em Ciências Sociais/Sociologia Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É professor titular da cadeira de Ciências da Religião da Escola Superior de Teologia (EST) e do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG), em São Leopoldo, RS. Bobsin é também o coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP). Desde Janeiro de 2007, exerce o cargo de reitor da EST.

como Idade Média católica, ele não era usado. A palavra “fé” seria a melhor referência para o período medieval, e o conceito *religio* referia-se à vida monástica.

De igual forma, esse conceito não saiu da boca dos reformadores protestantes do século XVI. Cantwell Smith afirma que Lutero não havia se ocupado com ele. A exemplo da Idade Média católica, Lutero fala de “fé” ou, de forma inovadora, da redescoberta da justificação pela fé. Zwínglio, por sua vez, fala de religião para distinguir a falsa da verdadeira no contexto de cristandade. Ele não se refere às outras religiões como falsas. Nesse sentido, a religião falsa está no fato de definir fidelidade à religião e não a Deus. A falsidade da religião não estava sustentada por uma categoria de acusação a respeito das outras religiões, mas se referia a uma piedade.

Conseqüentemente, o que fora considerado pelos reformadores e humanistas como piedade interior sofre uma grande mudança durante os séculos XVII e XVIII, denominada por Cantwell Smith de *externalização esquemática*. A piedade pessoal ou a relação com o transcendente foi reificada ou objetivada por pesquisadores científicos, os *outsiders*. Cantwell Smith não renega tal empreendimento intelectual. Destaca tão-somente que os termos da piedade pessoal e teológica como fé, obediência, adoração, etc. são transformados num sistema de crenças ou rituais, *um modelo abstrato e impessoal de coisas observáveis*. Somente o islã constitui-se numa exceção. Das grandes tradições religiosas, é a única que se refere a si como *religio* em seu texto sagrado, o Alcorão.

Mesmo reconhecendo as dificuldades de sua proposta de abandonarmos a “religião” como um construto de acusação, ele propõe aos cientistas das religiões, os *outsiders*, bem como aos teólogos que olhem, por exemplo, para aquela diversidade interna que é o cristianismo ou a tradição cristã, reconhecendo que a fé do crente se expressa na oração, nos cantos, nas emoções, na prática do amor, etc. Também os credos e as teologias pertencem às *tradições cumulativas* e se distinguem das

manifestações de fé que vinculam o fiel a Deus. Fé pessoal e tradição cumulativa, no entanto, são distintas, mas não separadas, mesmo que o autor privilegie a contribuição da fé pessoal para uma tradição religiosa. A especificidade da fé pessoal de milhões de crentes dá um sentido histórico a uma tradição religiosa e impede visões monolíticas da mesma. No entanto, não é a soma de crenças pessoais que faz uma tradição religiosa.

Como teólogo comprometido com uma das visões cristãs, o autor não esconde o objetivo prático de seu trabalho. Para ele, o diálogo inter-religioso que nasce da intercomunicação da diversidade de piedades pessoais das tradições religiosas tem um forte aliado no desvelar dos condicionamentos culturais das grandezas históricas que chamamos “religiões”.

A relativização dos condicionamentos culturais de nossas categorias analíticas constitui-se numa condição para o diálogo entre as diferentes tradições religiosas e entre os povos. No entanto, o reconhecimento das diferenças que tornam porosas as fronteiras necessita vincular-se também ao compromisso intelectual com as lutas por igualdade social.

Esperamos que as questões instigantes levantadas pela obra *O sentido e o fim da religião* impulsionem novos olhares a professores/as do Ensino Religioso, teólogos/as, cientistas das religiões e cientistas sociais das religiões, em nosso contexto brasileiro e no de fala portuguesa em geral, a respeito do fenômeno que Wilfred Cantwell Smith aborda e problematiza na presente obra.